

Modernismo 1ª Fase (1920-1930)

Início se dá com a Semana de Arte Moderna (SAM)- SP, em 1922.

Principais Características

- Ruptura com o passado;
- Renovação estética;
- Busca de uma arte voltada à brasilidade;
- Liberdade dos padrões estéticos rígidos;
- Identidade nacional recriada.

Participaram da Semana de Arte Moderna, muitos artistas, entre eles: Anita Malfati, Di Cavalcanti, Tarsila Do Amaral e Lasar Segal.

Poesia – Fase Heroica – Principais Características

- Liberdade de criação;
- Versos livres e brancos;
- Pontuação relativa;
- Poesia próxima da prosa.

Principais Autores + Obras

➔ *Oswald de Andrade*

- Retomada do Quinhentismo de maneira crítica;
- Poema piada + poema pílula (poemas curtos e com humor);
- Linguagem oral X língua padrão culta.

Ex:

Erro de português

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.*

Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

*Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras completas,
Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.*

➔ *Mário de Andrade*

- Poesia do cotidiano;
- Futurismo + urbanismo de São Paulo;
- Crítica à burguesia hipócrita da época.

Ex:

Ode ao burguês

*Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!*

*Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!*

*Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequinal!
Mas à chuva dos rosais
o Êxtase fará sempre Sol!*

*Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suíça! Morte viva ao Adriano!
"Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
Um colar... Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!"*

Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
Oh! purée de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte à infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gijolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!...

De Paulicéia desvairada (1922), Mário de Andrade

➔ *Manuel Bandeira “estrela da vida inteira”*

- Um dos principais poetas brasileiros.
- Poesia múltipla.
- Eu-lírico mistura-se ao poeta.
- Doença = pneumotórax.
- Infância = evocação do Recife.
- Liberdade poética = poética.
- Existencialismo = Vou-me embora pra Pasárgada.

Ex:

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
- Respire.

- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois - Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com namoros risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam: Coelho sai! Não sai!

A distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão(Dessas rosas muita rosa Terá morrido em botão...)

De repente nos longos da noite um sino

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.

Rua da União... Como eram lindos os montes das ruas da minha infância

Rua do Sol (Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade..... onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora..... onde se ia pescar escondido

Capiberibe- Capiberibe

Lá longe o sertãozinho de Caxangá

Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei parado o coração batendo

Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu

E nos pegões da ponte do trem de ferroos caboclos destemidos em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalcadas

E eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus cabelos

Capiberibe- Capiberibe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
Recife...
Rua da União... A casa de meu avô... Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom,
Recife brasileiro
como a casa de meu avô

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor.
Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas
Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis
Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de cossenos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradecer às mulheres, etc
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

- Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcalóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Texto extraído do livro "Bandeira a Vida Inteira",
Editora Alumentamento – Rio de Janeiro, 1986, pág. 90

TREINANDO PARA O ENEM

Estrada

*Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Interessa mais que uma avenida urbana.
Nas cidades todas as pessoas se parecem.
Todo mundo é igual. Todo mundo é toda a gente.
Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.
Cada criatura é única.
Até os cães.
Estes cães da roça parecem homens de negócios:
Andam sempre preocupados.
E quanta gente vem e vai!
E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar:
Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.
Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos,
Que a vida passa! que a vida passa!
E que a mocidade vai acabar.*

BANDEIRA, M. *O ritmo dissoluto*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

1. (ENEM-2011) A lírica de Manuel Bandeira é pautada na apreensão de significados profundos a partir de elementos do cotidiano. No poema Estrada, o lirismo presente no contraste entre campo e cidade aponta para
- o desejo do eu lírico de resgatar a movimentação dos centros urbanos, o que revela sua nostalgia com relação à cidade.
 - a percepção do caráter efêmero da vida, possibilitada pela observação da aparente inércia da vida rural.
 - a opção do eu lírico pelo espaço bucólico como possibilidade de meditação sobre a sua juventude.
 - a visão negativa da passagem do tempo, visto que esta gera insegurança.
 - a profunda sensação de medo gerada pela reflexão acerca da morte.

O trovador

*Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras do sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...
Sou um tupi tangendo um alaúde!*

ANDRADE, M. In: MANFIO, D. Z. (Org.) *Poesias completas de Mário de Andrade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

2. (ENEM-2012) Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade.

Em O trovador, esse aspecto é

a) abordado subliminarmente, por meio de expressões como “coração arlequinal” que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.

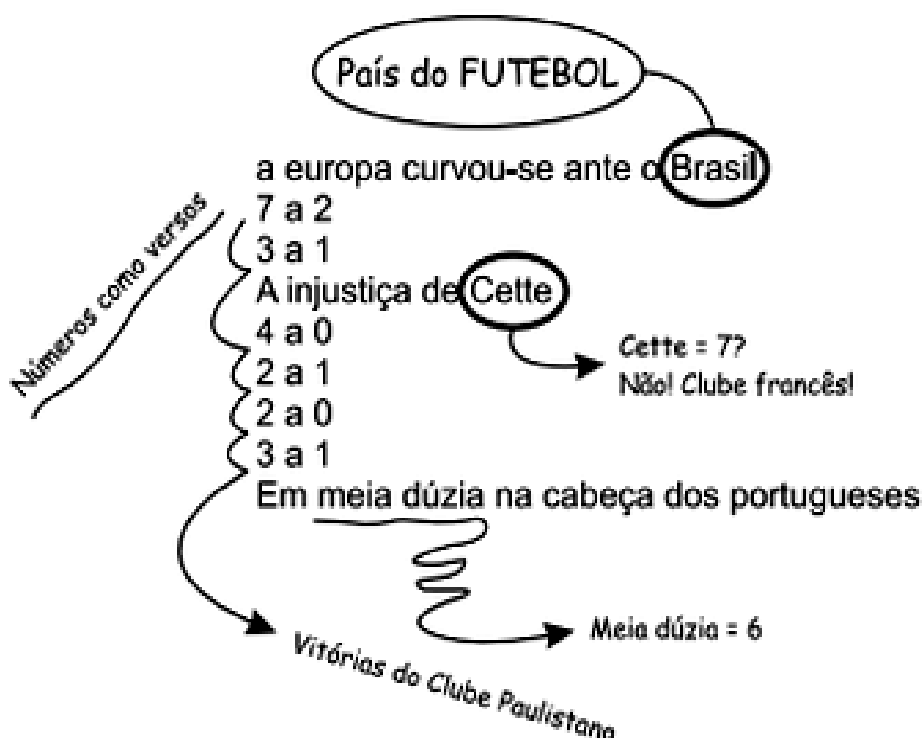
b) verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.

c) lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como “Sentimentos em mim do asperamente” (v. 1), “frio” (v. 6), “alma doente” (v. 7), como pelo som triste do alaúde “Dlorom” (v. 9).

d) problematizado na oposição tupi (selvagem) x alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.

e) exaltado pelo eu lírico, que evoca os “sentimentos dos homens das primeiras eras” para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

brasilidade em construção



MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Oswald de Andrade: o culpado de tudo. 27 set.2011 a 29 jan. 2012. São Paulo: Prof. Gráfica. 2012. (Foto: Reprodução)

3. (ENEM-2013) O poema de Oswald de Andrade remonta à ideia de que a brasilidade está relacionada ao futebol. Quanto à questão da identidade nacional, as anotações em torno dos versos constituem

a) direcionamentos possíveis para uma leitura crítica de dados histórico-culturais.

b) forma clássica da construção poética brasileira.

c) rejeição à ideia do Brasil como o país do futebol.

d) intervenções de um leitor estrangeiro no exercício de leitura poética

e) lembretes de palavras tipicamente brasileiras substitutivas das originais.

4. A Semana de Arte Moderna (1922), expressão de um movimento cultural que atingiu todas as nossas manifestações artísticas, surgiu de uma rejeição ao chamado colonialismo mental, pregava uma maior fidelidade à realidade brasileira e valorizava sobretudo o regionalismo. Com isto pode-se dizer que:

- a) romance regional assumiu características de exaltação, retratando os aspectos românticos da vida sertaneja.
- b) a escultura e a pintura tiveram seu apogeu com a valorização dos modelos clássicos.
- c) movimento redescobriu o Brasil, revitalizando os temas nacionais e reinterpretando nossa realidade.
- d) os modelos arquitetônicos do período buscaram sua inspiração na tradição do barroco português.
- e) a preocupação dominante dos autores foi com o retratar os males da colonização.

5. *O modernismo de 1922 quisera-se atual (aberto ao mundo) e nacional (ficando no solo pátrio), porém, na prática, levou algum tempo até concretizar-se plenamente esse sonho bicéfalo. O fruto maduro da semente então plantada foi a Antropofagia Oswaldiana, para a formulação da qual a pintura de Tarsila, sua companheira, contribuiu em primeiríssima linha, sobretudo a partir de 1924. Para Oswald, o Brasil, rico de sua própria seiva (...), necessitava assumir a urgência de uma estratégia regeneradora.*

(PONTUAL, Roberto. *Modernidade: arte brasileira do século XX*. São Paulo, 1988.)

O texto acima aponta uma estratégia regeneradora para o movimento modernista. Assinale a alternativa que indica essa estratégia proposta por Oswald de Andrade.

- a) Romper com os padrões de pensamento dos modernistas europeus.
- b) Valorizar o pensamento racional e o caráter científico na estrutura da pintura.
- c) Importar passivamente os modelos clássicos aceitando como forma perfeita da arte.
- d) Apropriar-se da estética naturalista e da concepção academicista cultura.
- e) Absorver as novidades das vanguardas europeias, porém expressando a realidade brasileira.

Gabarito

| | | | | |
|----|----|----|----|----|
| 1B | 2D | 3A | 4C | 5E |
|----|----|----|----|----|